

A estrutura produtiva na Zona do Euro: características setoriais, 2006 - 2013

Talysson Benilson Gonçalves Bastos¹

Maria de Fátima Silva do Carmo Previdelli²

RESUMO:

Este artigo busca apresentar as transformações ocorridas nos setores que compõem o PIB de alguns países do bloco econômico europeu com o objetivo de observar possíveis alterações na estrutura produtiva durante os anos da crise financeira e monetária de 2008. De modo comparativo, dividiu-se o grupo de países em dois: o das economias dos seis países fundadores, e os quatro países que mais tiveram suas economias atingidas pela chamada crise das dívidas soberanas: Espanha, Grécia, Irlanda e Portugal. Caso se confirmem alterações na participação dos setores produtivos, busca-se verificar se as diretrizes teóricas que predizem ser o setor secundário o alavancador de desenvolvimento e crescimento econômico estão representadas na realidade.

Palavras chaves: União Europeia, Zona do Euro, Produto Interno Bruto, Estrutura produtiva setorial.

ABSTRACT:

This article seeks to present the changes that have occurred in the sectors participation on the GDP of some countries of the European Economic bloc in order to observe possible changes in the productive structure during the years of the financial and monetary crisis of 2008. Comparatively, the countries were divided in two groups: the economies of the six founding countries, and the four countries that had their economies hit hardest by the sovereign debt crisis: Portugal, Ireland, Greece, and Spain. The structural change in their productive sectors, in case it was detected, were then compared with the theoretical approach that believes that the second sector, industry, is the one who will provide development and economic growth.

Key words: European Union, Eurozone, Gross Domestic Product, Sectorial productive structure.

¹ Historiador pela Universidade Estadual do Maranhão e mestrando em Desenvolvimento Socioeconômico pelo PPGDSE da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista CAPES de desenvolvimento humano e capacitação científica.

² Doutora em História Econômica (USP). Professora do Departamento de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Socioeconômico PPGDSE da UFMA.

Introdução

A heterogeneidade das economias dos países pertencentes à Zona do Euro se torna patente quando se observa os ataques repetidos pela mídia ao grupo composto pelos chamados PIGS, acrônimo criado pela própria mídia para agrupar Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha no que seria um conjunto de nações que “não souberam lidar com suas contas públicas, e, portanto, teriam inevitavelmente se visto envolvidos na chamada Crise das Dívidas Soberanas.

Assim, este artigo objetiva examinar a estrutura produtiva de dois grupos de países pertencentes à Zona do Euro: por um lado, os países fundadores (Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e os Países Baixos), e por outro aqueles que fazem parte da periferia do bloco, Portugal, Irlanda, Espanha e Grécia.

Buscando verificar se houve alguma mudança na participação dos três setores³ participantes do Produto Interno Brutos desses países, optou-se pelo corte temporal de 2006 a 2013. A primeira data permite uma visão anterior à crise financeira que começaria a afetar a região em meados do ano seguinte. A segunda permite observar o comportamento das variáveis durante o apogeu das crises (financeira e das dívidas soberanas) bem como o período de aplicação e ajuste impostos pela tríade conhecida como Troika (Banco Central Europeu, Fundo Monetário Internacional e Comissão Europeia). Trabalhou-se com dados oficiais gerados a partir da base oficial de informações estatísticas, o EUROSTAT.

Para tanto, fez-se uso da base de dados por temas que se configura disponível através de uma ferramenta de extração identificada que permite a manipulação dos dados de maneira padronizada, permitindo montar uma planilha que contém informações percentuais do desempenho dos principais setores componentes do Produto Interno Bruto em uma série temporal, por ano, que examina de maneira agregada as atividades de cada um dos países selecionados, permitindo fazer as devidas comparações entre as diferentes nações analisadas

Além da lógica formal extraída a partir dos dados, usamos como referência as versões consolidadas do tratado da União Europeia, publicados em 26 de outubro de 2012 pelo jornal oficial do bloco.

Deste modo, investigamos as disposições gerais acerca do funcionamento da UE com a ótica voltada para o âmbito da produção, por exemplo, os incentivos ao ambiente favorável que deveria ser encontrado e reforçado no âmbito da iniciativa ao desenvolvimento do setor produtivo. Outro documento analisado foi a Política Agrícola Comum (PAC) criada em 1962 e em vigor até os dias

³ Para simplificação da análise foram agrupadas as atividades para formar os seguintes grupos: setor primário com agricultura, pesca e extrativismo, setor secundário com a indústria de transformação, e setor terciário compreendendo os serviços, comércio, construção civil e transportes.

atuais. Tal documento estabeleceu cotas de produção para os países quando de suas adesões ao bloco, provocando alterações estruturais nos setores produtivos dos mesmos.

Uma das principais utilizações das contas nacionais está ligada ao suporte à tomada de decisões de política econômica e a realização dos ajustes necessários com o objetivo de realização da União Econômica e Monetária, (UEM) que unificou os países na chamada Zona do Euro.

É nesse contexto que se atestam os níveis de crescimento econômico que estão condicionados à progressão do PIB. A maioria dos valores das contas nacionais são usados para o desenvolvimento e o acompanhamento da efetividade ou não das políticas macroeconômicas que são aplicadas.

O principal órgão utilizador dessas informações é o Banco Central Europeu, (BCE), desde o início da UEM em 1999. É esta instituição supranacional que avalia os riscos para a estabilidade dos preços dentro da União Europeia, (UE). Tem como contrapartida duas estratégias principais: análise econômica e análise monetária. A partir dessas informações reflete as políticas que precisam ser obedecidas pelos países integrantes da Zona do Euro, (ZE). Assim, analisamos a produção econômica por setor de atividades ao nível mais agregado. A metodologia expõe 10 indicadores na ferramenta “NACE Rev. 2” do EUROSTAT: agricultura, caça e silvicultura (setor primário); Indústria (setor secundário); Construção, comércio de varejo, serviços de informação e comunicação, atividades imobiliárias, atividades profissionais, científicas, técnicas e administrativas e serviços de apoio, administração pública e defesa, educação, saúde humana e ação social, artes, entretenimento, atividades recreativas, setor financeiro, etc (setor terciário).

Em suma, a análise feita de tais indicadores permite observar as modificações da estrutura individual dos países ao longo da série temporal analisada. Um aspecto comparativo entre os países fornece, então, substratos para a observação de possíveis alterações na estrutura econômica de cada país e dos dois grupos criados buscando verificar se, de fato, o desenvolvimento e crescimento econômico observado se deve à expansão do setor secundário, conforme determinado pelas teorias.

Contexto histórico da construção da União Europeia e suas contradições inerentes.

A história do processo de integração dos países da Europa ocidental tem por cerne o esforço de agentes sociais personalizados nos líderes dos países fundadores do que hoje conhecemos como União Europeia. Atribui-se à relativa estabilidade diplomática entre as fronteiras dos países integrados esse objetivo inicial de construção de uma Europa pacífica, unida e próspera onde o ambiente de paz e coerência múltipla fosse incentivado.

Obviamente as personalidades que protagonizaram a assinatura dos primeiros tratados de fundação não participaram desse processo sozinhos, há de se destacar que o projeto europeu apareceu num contexto de Guerra Fria onde era necessário delimitar a adesão ao bloco liderado pelos Estados Unidos em oposição ao bloco alinhado com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, havendo, portanto, forte interesse militar aliado ao interesse econômico.

Assim, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a nova ordem mundial assistiu a um processo de bipolarização onde a Europa foi repartida entre os dois extremos e passou a servir de palco para o enfrentamento diplomático de ambos.

Nesse contexto, os chamados países fundadores do bloco europeu ocidental buscaram uma estratégia, em meio aos rearranjos, de integração militar, econômica e política. Buscando a reestruturação do continente devastado pelas duas Grandes Guerras, não apenas pela facilitação da circulação dos fluxos de capital, mas com o emprego de planos de desenvolvimento econômico e intensificação do comércio exterior intrabloco. Deste modo, uma das razões mais claramente perceptíveis ao longo dos processos de amadurecimento da integração, foi o esforço despendido no sentido da criação de uma formalização comum no setor produtivo, com regulamentações de equivalência de exportação, articulação de preços, planejamento dos direcionamentos econômicos, etc.

Além desses processos, destaca-se que o fruto do movimento de integração europeu se deu de maneira alinhada aos interesses dos EUA, uma vez que tal processo se justificava enquanto uma defesa rápida e eficiente de qualquer movimento do bloco soviético no sentido tentativa de ampliação da sua influência, para a autora, o processo de integração europeu é filho da Guerra Fria.

O plano de financiamento da reconstrução dos países do ocidente europeu demonstrou uma clara influência da atuação da economia estadunidense que buscava fortalecer parcerias ao mesmo tempo que impulsionava os países europeus em direção a uma situação de submissão econômica.

A partir do Plano Marshall, a Europa ocidental pôde começar a dar os primeiros passos em busca da formalização do seu processo de integração. No ano de 1951 é assinado em Paris o tratado que cria a Comissão Europeia do Carvão e Aço (CECA) pelos seis países fundadores: República Federal da Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos.

Já com a formulação da CECA cria-se um organismo supranacional para supervisão dos processos que, oficialmente visavam o incentivo ao âmbito produtivo com a introdução da livre circulação do carvão e aço, bem como o livre acesso às fontes de produção tal como a expansão da produção industrial dos países-membros como forma de aquecer a economia, gerar empregos e consequentemente aumentar o padrão de vida e os níveis de consumo necessários a recuperação da economia europeia do Ocidente.

A consequência imediata foi um salto na produtividade de 1952 a 1962 que inicialmente registrava um montante de ferro produzido de 62 milhões de toneladas para 92 milhões em uma década. Nesse período, a indústria do carvão e aço, ou seja, componentes do segundo setor, representava expressivas cifras na produção de riqueza dos países-membros, movimento que é redirecionado nas décadas subsequentes.

A partir da CECA e dos demais tratados assinados temos a estrutura formal do que conhecemos atualmente como União Europeia, criada oficialmente com três objetivos distintos: a) por fim às frequentes guerras sangrentas entre países vizinhos que culminaram na Segunda Grande Guerra; b) Reconstrução e recuperação econômica; e c) assegurar o alinhamento do bloco à ideologia capitalista.

Historicamente a Europa foi responsável por realizar os processos de revolução e expansão da indústria que se deram e, ainda estão correntes, de maneiras diferenciadas em muitas regiões do mundo. A Europa, antes de transpor esse limiar industrial se apresentava enquanto região “subdesenvolvida” no plano material. (BRAUDEL, 1989, p.341). Os países que hoje categorizamos como economias industrializadas ou de capitalismo avançado, nem sempre ocuparam espaços de liderança mundial ou pioneirismo técnico. Possuem o seu “triunfo” muito mais por questões conjunturais e longas gestações ideológicas de mudança tanto nas estruturas sociais quanto nos processos de centralização e disputas por poder político, militar ou econômico.

Nesse sentido, o processo de industrialização trouxe a marca genitiva do sucesso em economias que hoje assumem papéis de liderança mundial e exemplo de desenvolvimento econômico e social, como caminho a ser seguido. A própria ideia da industrialização como caminho para o desenvolvimento foi amplamente defendida por autores como Prebisch (2000); Furtado (1964); (1995), Schumpeter (1911); e as famosas etapas para o crescimento econômico teorizadas por Walt W. Rostow (1960).

A economia como âmbito investigativo para o desenvolvimento surge a partir de uma urgência própria dos países subdesenvolvidos ou de industrialização tardia e do desejo de que as condições materiais dos países de capitalismo menos avançado se tornassem favoráveis, buscando a resolução dos problemas criados pelas disparidades específicas no contexto do sistema internacional cada vez mais integralizado. (HIRSCHMAN, 1980), 1067 *apud* COSTA, 2009, p. 27).

No contexto do processo de alargamento da Comunidade Econômica Europeia, um dos objetivos da integração dos países do cone sul na década de 1970, visava justamente um movimento de ajustes para que as economias de Grécia, Portugal e Espanha se desenvolvessem como mercados para as outras economias integrantes do bloco, esses países possuíam uma estrutura industrial modesta e uma dimensão produtiva que, segundo alguns autores, deveria ser auxiliada pelos países

fundadores no sentido de prover sua ampla reestruturação. Assim, para Silva (2010, p.162), “[...] era um imperativo moral e político ajudar a consolidar as respectivas democracias, acolhendo-as na família europeia.”

Obviamente que outras agendas se impunham. Por exemplo, é inegável o interesse de caráter territorial particularmente francês uma vez que a adesão dos países ao sul possibilitava um reequilíbrio geográfico no que concerne o centro de poder da comunidade que, com o primeiro alargamento ao norte, desguarnecia a Europa meridional. (SANTOS, 2010, p.162).

A industrialização dos países possui importância fundamental, esse caminho não é um fim em si, mas para Prebisch (2000), é o único meio que os países periféricos dispõe para ir captando uma parte do fruto do processo técnico e elevando assim, progressivamente o padrão de vida das pessoas. A elevação do padrão de vida das populações depende de uma expressiva quantidade de capital por trabalhador empregado na indústria, nos transportes e na produção primária, e da capacidade de bem administrá-lo. (PREBISCH, 2000, p.76).

No entanto, é necessário nesse processo que haja formação de capital para reinvestimento na industrialização, a mecanização da agricultura, a criação de uma poupança tal como investimentos estrangeiros, ações que contribuiriam para o incremento produtivo que ocasionaria essa acumulação inicial de capital.

Os benefícios econômicos da divisão internacional do trabalho são de incontestável validade teórica. Mas é comum esquecer-se que ela se baseia em uma premissa que é terminantemente desmentida pelos fatos. Segundo essa premissa, o fruto do progresso técnico tende a se distribuir de maneira equitativa por toda a coletividade, seja através da queda de preços, seja através do aumento correspondente da renda. Mediante o intercâmbio internacional, os países de produção primária conseguem sua parte desse fruto, sendo assim, não precisariam se industrializar. (PREBISCH, 2000, p.71).

A falha dessa premissa consiste em ela atribuir um caráter geral àquilo que, em si mesmo, é muito circunscrito se considerarmos apenas o grupo dos grandes países industrializados, como Prebisch (2000) afirma, é verdade que o fruto do progresso técnico distribui-se gradativamente entre todos os grupos e classes sociais. Porém o erro surge quando esse conceito de coletividade é estendido à periferia da economia mundial.

Os imensos benefícios que o desenvolvimento da produtividade realizam não chegam à periferia numa medida comparável à que logrou desfrutar a população desses grandes países. Por isso, os acentuados graus de diferença no padrão de vida das populações de países grandemente industrializados e pouco industrializados, assim como a notória discrepância entre as suas

respectivas forças de capitalização, uma vez que a massa de poupança depende primordialmente do aumento da produtividade. (PREBISCH, 2000, p.72)

Torna-se portanto visível que a premissa básica do esquema de divisão internacional do trabalho não se sustenta por tratar-se de um contexto de desequilíbrio patente entre os dois grupos citados. Para Prebisch (2000), o incremento do emprego de pessoas na indústria significa uma melhora no grau de produtividade que se traduz em aumento líquido da renda nacional, o que conseqüentemente levaria a um incremento na margem de poupança cada vez maior.

Para Thirwall (2005, p.43), a indústria do setor de manufaturas é o principal motor de crescimento econômico. O autor faz uma abordagem crítica acerca da perspectiva neoclássica do crescimento econômico por tratarem todos os setores da economia como se eles fossem iguais. “Não destacam nenhum setor como sendo mais importante que outro.”

No entanto, o crescimento agregado está condicionado às taxas de expansão do setor que tem características mais favoráveis ao crescimento. Dos dados analisados, podemos citar o caso de Luxemburgo que é intensivo no setor de serviços e o seu desempenho crescente se deu em todos os componentes do setor terciário no período de 2006 a 2013, exceto no caso dos serviços financeiros que sofreram retração.

Para Thirwall (2005), há algo de especial na atividade a indústria pois parece haver uma estreita associação entre o nível de renda per capita e o grau de industrialização assim como uma estreita associação entre o crescimento do PIB e o crescimento da indústria manufatureira, “os países que crescem com rapidez tendem a ser aqueles em que a participação da indústria no PIB aumenta com mais velocidade.” (THIRWALL, 2005, p. 43).

No caso de uma investigação acerca do desempenho do crescimento dos países, há de se adotar uma abordagem que diferencie as atividades setoriais com rendimentos crescente por um lado e decrescentes por outro. No caso dos dados analisados é perceptível que o crescimento do setor de serviços tem suplantado, especialmente, o setor industrial nas economias de capitalismo mais avançado.

Em países como Grécia, Irlanda, e Portugal o setor industrial tem crescido muito modestamente, já os países fundadores, à exceção da Holanda, possuíram um movimento de desaceleração no crescimento do setor secundário. Segundo Thirwall (2005) a correlação entre o crescimento do PIB e o crescimento dos serviços é bastante forte, uma vez que é crível que a direção da causalidade pode ser inversa à que vai do crescimento do PIB para o crescimento dos serviços, afinal, a demanda de muitos serviços deriva da demanda própria da produção manufatureira. O ponto principal é entender em que nível as atividades relacionadas aos serviços tem existência “autônoma” e se possui caráter produtivo, que induza ao crescimento.

Para autores como Chesnais (1996), uma das razões explicativas para esse incremento do setor terciário no que concerne ao grupo dos países fundadores da UE e que possuem capitalismo avançado gravita no circuito da teoria marxista da valorização do dinheiro sem que haja produção ou circulação, o circuito D-D', ou do capital usurário, como é chamado na teoria marxista:

A internacionalização dos serviços tem a ver com os grupos industriais ciosos de manter sua ascendência sobre certas importantes atividades de serviços, complementares às suas operações centrais. (CHESNAIS, 1996, p.185).

O autor apresenta um demonstrativo interessante sobre o desempenho dos investimentos externos diretos ao setor de serviços que já na década de 1970 possuíam sua ascendência mas que deslançaram a partir da segunda metade da década de 1980.

Em 1970, o IED (Investimento externo direto) no setor terciário representava 25% do IED total dos países capitalistas avançados. Em 1980 essa parcela atingia 37,7% e, em 1990, superava a metade do total, com 50,1%. Entre 1981 e 1990, o total de IED no setor terciário aumentou à taxa anual de 14,9% (acelerando-se a partir de meados da década, quando a taxa passou a 22,1%), enquanto a do setor manufatureiro teve um aumento anual de 10,3% no mesmo período. Esse crescimento foi especialmente espetacular nos setores de serviços financeiros, seguros e serviços imobiliários.” (CHESNAIS, 1996, p.185)

Essa tendência do crescimento do setor de serviços se manteve acentuada na década de 2000, especialmente no período estudado em que os dados demonstram que grande parte da riqueza setorial dos países analisados provem do setor terciário, a indústria, hoje, não é mais o grande impulsionador do crescimento, mas seria esta uma tendência segura?

A gestação da crise de 2007/8

Chesnais (1996, p.277) aponta que o caráter do capitalismo avançado é demasiadamente marcado pelos processos de desregulamentação especialmente na esfera financeira. Já em 1996, o autor apontava o caráter da globalização financeira, pelo viés da supremacia dos mercados, o que gerando um processo crescente de alinhamento de todos os sistemas ao modelo americano. Tal sistema caracterizavam-se pela detenção “oportunistamente”, de grandes pacotes de ações por instituições financeiras, particularmente as de fundos de pensão, ações que estão em contraposição à lógica das necessidades do capital produtivo e às condições de vida dos assalariados.

A expansão dos artifícios financeiros como os mercados de derivativos constituídos a partir da década de 1970, implicou na aceleração da forma como o capitalismo gera, encontra, e aprofunda espaços de valorização para uma massa de capital que estava superacumulada. A

financeirização “é um dos termos mais populares dentro da heterodoxia da ciência econômica por caracterizar a fase atual do capitalismo.” (MATEO, 2015, p.23).

A efetivação da crise mais recente do capitalismo já vinha sendo ensaiada há algum tempo, os prenúncios das bolhas especulativas das ações de empresas ligadas ao setor da alta tecnologia, as *pontocom*, impulsionaram o redirecionamento da massa de capital fictício sobrevivente para o mercado de financiamento de imóveis, especificamente no contexto estadunidense que levaria à chamada crise *subprime*.

Pela atual política de liberalização e desregulamentação financeira e bancária, características próprias do capitalismo atual e de suas estratégias de reprodução. Os bancos, por exemplo, passaram a ter maior liberdade na captação de recursos e na redistribuição dos mesmos em ativos distintos. Por outro lado, as instituições financeiras passaram a ter, também, liberdade crescente além de deixarem de ser reguladas, controladas, ou minimamente fiscalizadas.

O crescimento do mercado imobiliário teve como sustentação exatamente o financiamento via empréstimos bancários com base em crédito hipotecário, ou seja, um financiamento que traz como garantia para o credor os próprios imóveis adquiridos. (CARCANHOLO, 2011, p.76)

O passo seguinte foi uma elevação dos preços dos imóveis, em decorrência das leis de oferta e demanda nos livres mercados especulativos, isso impulsionou uma melhora real nas condições dos tomadores de crédito. No âmbito internacional, o início do século XXI foi marcado por uma taxa de crescimento da renda mundial significativa, o que impulsionava a euforia das expectativas de ganhos futuros cada vez mais crescentes.

Esse é o pano de fundo que localiza a expansão proporcional do crédito para o segmento conhecido no jargão bancário como setor *subprime*, ou seja, aqueles tomadores de empréstimo que não possuem tantas garantias de honrar os créditos, seja por não possuírem renda definida e estável ou por não ocuparem empregos formais e duradouros. Seguiu-se nesse momento, uma euforia especulativa. O aumento do preço dos imóveis proporcionou uma dinâmica auto-expansiva no mercado. Com o preço dos imóveis elevando-se, os tomadores de empréstimos saldavam hipotecas dos seus bens e ainda se apropriavam de um excedente que era aproveitado na aquisição de novas residências, ou refinanciamento das mesmas, com base no crédito hipotecário, o que jogava para cima a demanda no setor imobiliário, fazendo com que os preços aumentassem. O resultado é a formação da bolha especulativa do mercado de ativos imobiliários.

Enquanto houve elevação da oferta de capital monetário, que permitia uma demanda crescente por dinheiro para pagar as transações, e a expectativa era de manutenção da alta dos preços, o movimento expansionista se manteve.

No momento que a demanda por capital monetário não foi acompanhada pelo financiamento que permitia a rolagem dos passivos (dívida), a massa de capital fictício ali acumulada não via mais sustentação na alta dos preços, o processo se reverteu.” (CARCANHOLO, 2011, p.77).

Num mercado internacional cada vez mais desregulamentado, a financeirização dos grupos tende necessariamente a modificar o enfoque e a acelerar o questionamento da vocação industrial, o que a história tem demonstrado até agora com as periódicas crises do mercado financeiro é que os “acidentes” de mercado tem se tornado cada vez mais nocivos às camadas assalariadas.

Mas o mais interessante foi o efeito de tais acontecimentos num ambiente com políticas monetárias unificadas e supranacionais como o da Zona do Euro. Nesse território, os países perderam suas capacidades individuais de lidar com tal crise, perderam o direito de usar políticas cambiais e monetárias expansionistas que poderiam dar algum tipo de folego aos seus sistemas internos de lidar com a crise bancária que se estabeleceria em meados de 2007.

Análise da estrutura setorial das economias da Zona do Euro

Pra proceder à análise da estrutura setorial produtiva dos países selecionados da Zona do Euro, inicialmente faremos a comparação entre o desempenho dos setores que compõe as riquezas das economias nacionais, visando observar as alterações produtivas nos países fundadores do bloco, economias que passaram por um longo processo histórico de industrialização e que hoje são considerados como países de capitalismo avançado: Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos (Holanda) e, em separado, dos países escolhidos por terem aderido ao bloco posteriormente e serem caracterizados por um processo de industrialização tardia: Espanha, Portugal, Grécia e Irlanda.

Optamos por analisar o conjunto desse grupo de maneira integrada, assim buscou-se perceber os efeitos do processo de integração dessas economias no sistema constituído pela União Europeia e consequente União Monetária.

A – Desempenho do setor primário.

Tabela 1: Participação percentual do setor primário no PIB, países selecionados, de 2006 a 2013.

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Zona do Euro	1,7	1,8	1,7	1,5	1,7	1,7	1,7	1,7
Alemanha	0,8	0,9	1,0	0,8	0,8	0,8	0,8	0,8
Bélgica	0,9	0,8	0,7	0,7	0,8	0,6	0,7	0,8
França	1,8	1,9	1,8	1,5	1,8	1,9	2,0	1,8
Itália	2,1	2,1	2,0	1,9	1,9	2,0	2,0	2,1
Luxemburgo	0,4	0,4	0,4	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3

Países Baixos	2,0	1,9	1,7	1,5	1,8	1,6	1,7	1,6
Espanha	2,7	2,7	2,5	2,4	2,6	2,5	2,5	2,6
Grécia	3,7	3,5	3,1	3,1	3,2	3,4	3,4	3,7
Portugal	2,7	2,4	2,4	2,3	2,3	2,2	2,3	2,4
Irlanda	1,5	1,5	1,4	1,1	1,5	1,9	1,6	1,9

Fonte: Elaboração própria com dados da base EUROSTAT.

O desempenho do setor primário na Alemanha se manteve constante em termos da variação na série temporal de 2006 a 2013, no entanto apresentou um ponto de mínimo bem expressivo no ano de 2008, onde a agricultura registrou apenas 0,1% do total da composição do PIB naquele ano.

No caso da composição setorial do PIB, tendo como base os três setores da produção que envolvem agricultura, indústria e serviços, percebeu-se que houve uma variação negativa do setor primário da Bélgica no período de 2006 a 2013. No início da série temporal analisada, o setor primário daquele país registrava um percentual de 0,9% do PIB total do país, ao que segue nos períodos seguintes, registra-se uma queda que tem o seu ponto de mínimo alcançado em 2011, registrando 0,6% do PIB. A variação registrada de 2006 a 2013 foi de 0,2%, para queda, ou seja, o ano de 2013 encerrou com uma contribuição do setor primário para a composição total do PIB em 0,7% do total.

A França não apresentou variação no desempenho do seu setor primário na série estudada, iniciou 2006 apresentando essa atividade enquanto responsável por 1,8% do total da produção interna e encerrou o ano da série com o mesmo montante. No entanto, destacam-se seus pontos de máximo e mínimo, respectivamente, nos anos de 2012, quando o setor representou 2% do PIB, e 2009, ano de baixa da atividade, que registrou 1,5% do PIB.

A França foi exatamente o país que mais relutou contra a entrada de Portugal, Espanha e Grécia na Comunidade Econômica Europeia na década de 1980, por considerar como ameaça os efeitos que tais economias primárias exerceriam sobre seu mercado no bloco. Assim, foram feitos ajustes na Política Agrícola Comum (PAC) para estabelecer cotas de produção que evitassem prejuízo aos países fundadores. Não é de se estranhar que tenha sua participação setorial acima da média da Zona do Euro, em conjunto com Itália e Países Baixos.

A Itália não apresentou variação no desempenho da atividade do setor primário no período de 2006 a 2013, onde registrou um montante de 2,1% da composição do Produto Interno Bruto, bem acima da média da Zona do Euro.

Luxemburgo apresentou uma evolução negativa no desempenho do primeiro setor, no início da série a atividade representava 0,4% do total do PIB em 2006 e até 2008 manteve-se constante. A partir de 2009 apresentou queda de 0,1% que manteve até 2013, refletindo assim na taxa de variação que se manteve nos 0,1% para menos.

Os Países Baixos apresentaram queda no desempenho do setor primário. Em 2006, o setor era responsável por 2% do PIB, chegando em 2013 com 1,6% do total. Ainda assim, acima da média do restante dos países unificados monetariamente.

No que tange aos quatro países do segundo grupo, o setor primário apresentou um encolhimento para os países ibéricos (Espanha e Portugal), com taxas de variação negativa de 0,1% e 0,3% do PIB, respetivamente, porém com destaque para a alta participação deste tipo de atividade, bem acima da média dos países da Zona do Euro mostrando que, apesar das mudanças efetuadas após a adesão ao bloco, o setor ainda é de relativa importância para ambos. Esse setor não sofreu alteração na Grécia e a Irlanda onde houve um aumento de 0,4%. Mais uma vez, a Grécia se destaca como sendo o país onde o setor tem a mais alta relevância dos países estudados.

Como se pode comprovar, se a adesão ao bloco visava alterar a estrutura produtiva dos países do segundo grupo no sentido de alavancar as atividades do setor secundário como fontes de desenvolvimento em detrimento do setor primário, este ainda é importante para Portugal, Espanha e Grécia, e mesmo com a crise de 2008, as taxas de participação se mantiveram, ou até, no caso grego, aumentaram.

B – Desempenho do setor secundário

As atividades compreendidas neste setor são principalmente a indústria de transformação. Como citado antes, a atividade principal no alavancar de crescimento e desenvolvimento econômico, com geração de emprego, e melhoria de qualidade de vida.

Tabela 2: Participação percentual do setor secundário no PIB, países selecionados, de 2006 a 2013.

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Zona do Euro	20,3	20,3	19,7	18,2	19,2	19,4	19,3	19,3
Alemanha	26,1	26,4	25,9	23,4	25,7	26,0	25,8	25,5
Bélgica	19,0	18,7	17,9	16,5	16,9	16,4	15,9	15,6
França	14,8	14,3	13,6	13,0	12,8	12,7	12,5	12,8
Itália	20,5	20,8	20,4	18,7	19,0	18,9	18,4	18,3
Luxemburgo	9,9	10,7	9,5	7,1	7,3	7,0	6,7	5,9
Países Baixos	18,9	19,0	19,5	18,2	18,5	19,1	19,4	19,7
Espanha	17,8	17,3	16,9	15,5	16,6	17,1	17,4	17,5
Grécia	12,9	12,7	12,4	12,2	13,5	13,3	14,2	14,6
Portugal	18,1	18,0	17,3	16,6	17,7	18,2	18,7	18,9
Irlanda	21,6	21,7	21,4	24,7	24,6	26,3	26,3	26,3

Fonte: Elaboração própria com dados da base EUROSTAT.

O setor secundário demonstrou uma retração no desempenho comparativo do período de 2006 a 2013 na média dos países da Zona do Euro, vejamos a seguir o comportamento em cada país.

No início da série temporal, este setor era responsável por 26,1% do total do PIB da Alemanha, ao passo que, em 2013, essa porcentagem foi de 25,5% do total da riqueza daquele país. O ponto de mínimo, o ano de maior queda do setor, foi em 2009, onde a indústria representou 23,4% da composição total. A variação total da série temporal foi uma retração de 0,6%, representando um pequeno encolhimento da indústria. No entanto, a Alemanha apresenta a maior participação deste setor no seu PIB entre todos os analisados, bem superior também à média da Zona do Euro.

O setor secundário da Bélgica registrou queda de 3,4% na variação de 2006, quando essa atividade representou 19% do total da riqueza produzida no país, 2013, quando encerrou a série com 15,6% da indústria representando o total do PIB. O que implica uma retração significativa no número de indústrias e empregos relacionados a este setor. O ponto de mínimo registrado se deu no próprio ano de 2013, no final da série analisada, mostrando uma tendência de queda sem recuperação no período analisado.

No que concerne ao setor secundário francês houve uma retração de 2 pontos percentuais, registrando seu desempenho mínimo em 2012, quando o percentual foi de 12,5% da composição total do PIB, com leve recuperação no ano seguinte.

O setor secundário italiano registrou também queda. No início da série em 2006, a composição do PIB foi de 20,5% do total, finalizando em 2013 com 18,3. A variação registrada foi de 2,2 pontos negativos, com seu ponto de menor desempenho justamente em 2013, ano final da série.

O setor secundário de Luxemburgo apresentou queda. Iniciou a série em 2006 apresentando o desempenho da indústria em 9,9% do PIB, findou o período estudado com 5,9% do PIB em 2013. Sendo o seu ponto de mínimo o próprio ano de 2013, ano que encerra a série. Interessante notar ainda que o ano de 2007 apresentou o maior crescimento da indústria naquele país, 10,7% do total da riqueza produzida.

Já o setor secundário dos Países Baixos apresentou crescimento de 0,8% do total, interessante notar que este foi o único país, dentre o grupo dos fundadores que apresentou uma variação positiva no setor industrial.

Para o grupo dos países fundadores, chama a atenção a queda da participação do setor para Bélgica e Luxemburgo. Sendo a Bélgica tradicionalmente conhecida por sua indústria de base é preocupante tal queda.

Para o segundo grupo de países, apenas a Espanha apresentou queda (0.3%), o restante teve uma quase manutenção da participação do setor industrial, Grécia (1,7%), Portugal (0,8%), e Irlanda (4,7%).

C – Desempenho do setor terciário

O chamado setor terciário, ou de serviços é analisado a seguir em duas formas, a primeira agregada com o total dos serviços, e a segunda análise se faz de forma mais desagregada, buscando identificar a participação de alguns tipos de serviços em particular, como turismo, alimentação, transporte, administração pública, serviços financeiros, construção civil, serviços imobiliários, dentre outros.

Tabela 3: Participação percentual do setor terciário no PIB, países selecionados, de 2006 a 2013.

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Zona do Euro	78,0	77,9	78,6	80,1	79,2	79,0	79,0	79,1
Alemanha	73,1	72,7	73,0	75,8	73,6	73,2	73,5	73,8
Bélgica	80,0	80,5	81,5	82,8	82,4	82,9	83,5	83,6
França	83,5	83,7	84,5	85,5	85,4	85,5	85,5	85,4
Itália	77,4	77,0	77,6	79,4	79,2	79,2	79,5	79,5
Luxemburgo	89,7	88,8	90,3	92,5	92,4	92,7	92,9	93,8
Países Baixos	79,0	79,1	78,9	80,3	79,6	79,2	79,0	78,6
Espanha	79,5	80,0	80,6	82,1	80,9	80,3	80,3	79,9
Grécia	83,3	83,7	84,5	84,8	83,2	83,4	82,5	81,6
Portugal	79,3	79,5	80,4	81,0	80,2	79,5	79,1	78,8
Irlanda	76,9	76,7	77,2	74,0	73,9	71,9	72,1	71,9

Fonte: Elaboração própria com dados da base EUROSTAT.

A média da participação deste setor na Zona do Euro apresentou comportamento quase constante, com leve oscilação no período. A variação positiva no recorte de 2006 a 2013 foi de 0,7% registrando uma ampliação desse setor da economia alemã. O ponto de máximo se deu no ano de 2009, quando o setor de serviços atingiu a marca de 75,8% do total do PIB.

O setor de serviços da Bélgica teve uma variação para mais, de 3,6%, do total, registrando seu ponto de máximo no ano final da série, 2013, quando esse setor foi responsável por 83,6% da riqueza total do país.

Para a economia francesa, a participação do setor representou um aumento de 1,9% do PIB total. O início da série apresentou em 2006, um total de 83,8% e em 2013, 85,4% do total da composição do PIB. Os pontos de máximo podem ser localizado nos anos de 2009, 2011 e 2012, onde registrou-se um total de 85,5% do PIB no setor dos serviços.

Já o setor terciário da Itália apresentou variação positiva em 2,1% do total. O início da série se deu com 77,4% desse setor na composição total e finalizou em 2013 com 79,5% do PIB daquele ano. O registro de melhor desempenho se deu em 2012 e 2013.

Luxemburgo é o país que apresenta o maior grau de dependência do setor de serviços. Historicamente, já no período entreguerras, o pequeno país se especializava na área de serviços financeiros. Assim, este foi responsável, em 2013, por 93,8% do total de riquezas geradas. O início da série apresenta, em 2006, 89,7% das atividades do setor terciário que compunham o total do PIB. A variação positiva ficou em 4,1%, o período de ponto máximo foi atingido em 2013, ano final da série analisada.

No caso dos Países Baixos, ao passo que o setor terciário que em 2006 era responsável por 79% do total da economia, em 2013 representou 78,6% do PIB apresentando uma pequena retração de 0,4% do total. Este país foi o único a apresentar retração no setor de serviços em relação aos outros países integrantes do grupo nas nações fundadoras da UE.

Do grupo dos países fundadores, somente Alemanha apresenta participação inferior à média da Zona do Euro.

Já para o segundo grupo de países, somente o setor de serviços da Espanha apresentou um incremento dessa atividade (0,4%), o resto dos integrantes apresentaram retração, Grécia (1,7%), Portugal (0,5%), Irlanda (5%). Destaca-se o caso Irlandês cuja queda foi a mais acentuada.

Um exame sobre os dados mais desagregados do setor terciário foi feito dividindo os países nos dois grupos conforme as tabelas 4 e 5.

Tabela 4: Participação percentual do setor terciário desagregado no PIB, países fundadores, de 2006 a 2013.

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Alemanha								
Construção civil	4,1	4,1	4,2	4,4	4,6	4,7	4,7	4,7
Comércio, transporte, hotelaria	16,1	16,1	15,9	15,8	14,6	14,5	14,6	14,5
Serviços financeiros	4,7	4,2	3,8	4,4	4,6	4,3	4,0	4,1
Serviços imobiliários	11,4	11,7	12,0	12,4	12,0	12,1	12,1	12,2
Demais Serviços	36,8	36,6	37,1	38,8	37,8	37,6	38,1	38,3
Bélgica								
Construção civil	5,4	5,6	5,8	5,8	5,7	5,9	5,9	5,7
Comércio, transporte, hotelaria	20,6	20,7	20,7	20,1	20,0	20,0	19,9	19,8
Serviços financeiros	5,8	5,6	5,3	6,1	6,6	6,6	6,5	6,5
Serviços imobiliários	9,4	9,5	9,5	9,3	9,1	9,0	9,0	8,9
Demais Serviços	38,8	39,1	40,2	41,5	41,0	41,4	42,2	42,7

França									
Construção civil	5,9	6,2	6,6	6,4	6,1	6,2	6,3	6,0	
Comércio, transporte, hotelaria	18,0	18,0	18,4	18,3	18,4	18,4	18,3	18,2	
Serviços financeiros	4,2	4,1	3,6	4,5	4,8	4,8	4,8	5,0	
Serviços imobiliários	13,3	13,5	13,7	13,4	13,2	13,2	13,2	13,3	
Demais Serviços	42,2	41,9	42,2	42,9	42,9	42,9	42,9	42,9	
Itália									
Construção civil	6,3	6,3	6,4	6,3	6,0	6,0	5,9	5,6	
Comércio, transporte, hotelaria	20,6	20,5	20,3	20,4	20,3	20,4	20,6	20,8	
Serviços financeiros	4,9	5,3	5,3	5,3	5,5	5,6	5,4	5,5	
Serviços imobiliários	12,7	12,6	12,8	13,4	13,3	13,6	14,0	14,3	
Demais Serviços	32,9	32,3	32,8	34,0	34,1	33,6	33,6	33,3	
Luxemburgo									
Construção civil	6,2	6,4	6,3	6,4	5,9	5,9	6,2	6,3	
Comércio, transporte, hotelaria	15,8	15,9	16,9	16,1	17,0	18,5	17,8	17,6	
Serviços financeiros	29,4	28,0	25,5	25,4	26,9	25,1	24,7	25,4	
Serviços imobiliários	8,8	8,8	9,3	9,8	9,4	9,4	9,5	9,6	
Demais Serviços	29,5	29,7	32,3	34,8	33,2	33,8	34,7	34,9	
Países Baixos									
Construção civil	5,6	5,7	5,9	6,0	5,3	5,4	4,9	4,7	
Comércio, transporte, hotelaria	19,8	19,9	19,3	18,5	18,6	18,7	18,6	18,6	
Serviços financeiros	6,8	5,9	5,7	7,4	8,3	8,0	8,6	8,7	
Serviços imobiliários	7,7	8,1	8,0	6,5	6,1	6,5	5,9	6,1	
Demais Serviços	39,1	36,0	40,0	41,9	41,3	40,6	41,0	40,5	

Fonte: Elaboração própria com dados da base EUROSTAT.

A Alemanha apresentou um incremento no setor de construção civil de 0,6% do PIB. Isso significa uma expansão da construção de prédios comerciais ou particulares, refletindo, assim, uma melhora nos padrões de vida, criação de empregos etc., ao passo que o comércio, turismo, hotelaria e serviços financeiros sofreram uma retração, registrando os pontos de mínimo em 2013 com 14,5% do total do PIB e 2008, 3,8% do total do PIB, respectivamente. Já os serviços imobiliários e os demais serviços que envolvem atividades profissionais, administrativas, como defesa, educação, serviços sociais, entretenimento dentre outros registram, um acréscimo, tendo os seus pontos de máximo em 2008, onde os setores representaram 12,4% e 38,8%, respectivamente, do PIB total da Alemanha naquele ano.

A verificação dos dados desagregados do setor terciário da economia belga aponta que o setor de construção civil registrou crescimento de 0,3% tendo o seu ponto de máximo registrado no ano de 2011 e 2012, quando esta atividade representou 5,9% do PIB do país.

Os serviços de comércio, transporte e hotelaria assistiram uma queda no seu desempenho no período de 2006 quando registrou uma porcentagem de 20,6% e em 2013 quando esse número caiu para 19,8% do total do PIB, apresentando uma variação negativa de 0,8%.

Os serviços financeiros e imobiliários apresentaram uma elevação e um decréscimo, respectivamente. No ano de 2006 o setor financeiro apresentou um percentual do PIB de 5,7% do total, finalizando o ano da série em 6,5% do total do PIB em 2013, ilustrando uma variação positiva de 0,7%, demonstrando a ampliação deste setor. Já os serviços imobiliários apresentaram, em 2006, e 2013, um percentual de 9,4% e 8,9% do PIB, respectivamente, decorrendo em uma variação negativa de 0,5%. No âmbito das demais atividades que compõe o setor, os números apresentados no início da série foram de 38,8% do total em 2006 e 42,7% do total em 2013, a sua variação positiva foi de 3,9%. O ponto de máximo foi atingido justamente no ano de 2013, no fim da série.

De modo desagregado, o setor da construção civil na França, apresentou uma elevação de 0,1% tendo seu ponto máximo em 2008, quando o total da atividade foi de 6,6 da porcentagem do PIB naquele ano. O setor de comércio, transporte e hotelaria representou em 2006, 18% da quantidade total do PIB, e em 2013, 18,2%, ilustrando um crescimento singelo de 0,2% em relação ao PIB total. Os seus pontos de máximo foram registrados nos anos de 2008, 2010 e 2011, onde a atividade atingiu 18,4% do total produzido no ano. Os serviços financeiros apresentaram crescimento de 0,8%, iniciando a série em 2006, representando 4,2% do PIB e finalizando em 2013 com 5% do total, o ponto de máximo localiza-se em 2013. O setor de serviços imobiliários se manteve constante, registrando, no entanto, um ponto de crescimento elevado em 2008 quando o setor apresentou 13,7% da composição total do PIB, ao passo que os anos seguintes observou-se um processo de estabilização.

Os demais serviços registraram um crescimento de 0,7%, iniciando a série em 2006 com 42,9% do total. Os anos de 2009 a 2013 registraram estabilização da atividade em 42,9% do total produzido.

De modo desagregado, o setor da construção civil italiano, responsável por identificar o crescimento dos países, registrou uma contração de 0,7% do total. No início da série em 2006 esse setor era responsável por 6,3% do total do PIB, já no ano de 2013, esse número decresce para 5,6% do total do PIB. O setor de comércio, transporte e hotelaria cresceu em 0,2% do total, registrando seu ponto de maior crescimento em 2013, quando esta atividade representou 20,8% do total do PIB.

O setor de serviços financeiros e imobiliários apresentaram, ambos, crescimento. O primeiro registrou em 2006, um montante de 4,9% do total e em 2013, terminou a série temporal com o total de 5,5% do total. Seu ponto de máximo se deu em 2011 quando registrou 5,6% do PIB. Por fim, o setor de serviços imobiliários apresentou um crescimento de 1,6%, registrando seu maior

crescimento em 2013, quando esta atividade atingiu 14,3% do PIB. Os demais serviços apresentaram crescimento positivo a uma taxa de variação de 0,4% do total do PIB culminando em 2013 com 33,3% da composição total. Seu ponto máximo foi no ano de 2010 quando registrou 34,1% do total do PIB.

Um exame mais detalhado das contas do setor terciário em Luxemburgo revelam que a atividade de construção civil representou 6,2% do total em 2006 e 6,3% em 2013, apresentando uma variação positiva de 0,1%. Os pontos de máximo se encontram em 2007 e 2009 quando aquela atividade apresentou 6,4% do total do PIB. O setor de comércio, transporte e hotelaria, apresentou crescimento de 1,8%, o desempenho favorável no setor conheceu seu ponto máximo, dado o recorte de 2006 a 2013, no ano de 2011, quando 18,5% do total da riqueza foram geradas por essa atividade.

O setor financeiro retraiu. Iniciou a série com 29,4% do total do PIB em 2006 e encerrou em 2013 com 25,4%, apresentando uma variação negativa de 4%. Entretanto é uma participação desproporcional se comparada aos demais países fundadores onde tal setor não passa dos 6%. O setor de serviços imobiliários apresentou crescimento. Iniciou a série em 2006 com 8,8% do total do PIB e encerrou em 2013 com 9,6% do total do PIB, apresentando, assim, uma variação de 0,8%. O seu ponto de máximo foi atingido em 2009 quando aquela atividade foi responsável por 9,8% da riqueza total. Os demais serviços também apresentaram um crescimento. Em 2006 seu desempenho representou 29,5% do total, em 2013, este número variou positivamente em 5,4%, indo para 34,9% do total.

Um exame nos dados desagregados do setor terciário dos Países Baixos aponta que o setor de construção civil registrou queda de 0,9%. Essa tendência de retração pode ser encontrada em duas outras atividades, a saber: comércio, transporte e hotelaria e serviços imobiliários, a uma variação negativa de 1,2% e 1,6% do total. Já os serviços financeiros e demais serviços cresceram a uma variação positiva de 1,9% e 1,4% do total.

Tabela 5: Participação percentual do setor terciário desagregado no PIB, países selecionados, de 2006 a 2013.

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Espanha								
Construção civil	14,2	13,9	13,6	13,0	10,7	9,5	8,6	7,8
Comércio, transporte, hotelaria	23,1	23,0	23,1	23,5	24,2	24,5	25,3	25,9
Serviços financeiros	4,7	5,3	5,4	5,9	4,6	4,2	4,4	3,9
Serviços imobiliários	6,8	6,9	6,9	6,4	7,4	7,9	8,2	8,4
Demais Serviços	30,7	30,9	31,6	33,3	34,0	34,2	33,8	33,9

Grécia								
Construção civil	8,9	7,8	6,8	5,1	3,5	2,5	2,1	1,8
Comércio, transporte, hotelaria	26,6	27,3	26,9	24,9	25,6	25,0	23,2	22,7
Serviços financeiros	4,9	4,7	4,6	4,5	4,7	4,9	4,9	4,8
Serviços imobiliários	10,6	12,2	13,1	14,0	14,0	15,8	16,7	16,7
Demais Serviços	32,3	31,7	33,1	36,3	35,4	35,2	35,6	35,6
Portugal								
Construção civil	7,3	7,3	7,3	6,7	6,3	5,8	5,1	4,3
Comércio, transporte, hotelaria	23,2	23,2	23,0	23,8	23,6	24,1	25,0	25,4
Serviços financeiros	7,2	7,5	7,7	7,0	6,9	6,7	6,4	5,8
Serviços imobiliários	7,8	8,1	8,3	8,1	8,5	8,8	9,8	10,2
Demais Serviços	33,8	33,4	34,1	35,4	34,9	34,1	32,8	33,1
Irlanda								
Construção civil	11,1	9,5	7,1	2,9	1,9	1,7	1,6	1,7
Comércio, transporte, hotelaria	16,7	16,4	16,2	16,4	16,7	15,6	16,0	15,6
Serviços financeiros	10,4	10,6	10,1	11,3	10,8	10,1	9,5	10,1
Serviços imobiliários	7,0	7,6	8,2	5,6	6,0	6,9	6,7	6,9
Demais Serviços	31,7	32,6	35,6	37,8	38,5	37,5	38,3	37,6

Fonte: Elaboração própria com dados da base EUROSTAT.

Uma análise mais profunda acerca da composição do setor terciário aponta um comportamento semelhante em todos os países do segundo grupo (Espanha, Grécia, Portugal e Irlanda). O setor de construção civil apresentou quedas alarmantes, esta é a atividade que costuma indicar se há expansão econômica ou não. No caso dos países, a variação negativa foi de (6,4%), (7,1%), (3,0%), e (9,4%), na série de 2006 a 2013, demonstrando claramente uma retração econômica para todos.

Destes, as retrações mais expressivas no sentido da retração econômica foram a Irlanda e a Grécia. O setor de comércio, transporte e hotelaria na Espanha cresceu (2,8%), retraiu na Grécia (3,9%) o que é bastante preocupante pois este setor está relacionado às atividades de turismo, uma das principais fontes de riqueza da Grécia. Já para Portugal, a atividade apresentou um crescimento de 2,2% e a Irlanda, por outro lado, retraiu 1,1%.

O setor de serviços financeiros registrou queda para todos os países, já o setor de serviços imobiliários cresceu na Espanha (1,6%), na Grécia (6,1%) e em Portugal (2,4%). Apenas a Irlanda registrou queda de 0,1%, uma retração mais amena que acreditamos ser uma tendência explicada pelo contexto da crise financeira e especulativa.

De um modo geral, os quatro países apresentaram manutenção ou queda da participação do setor terciário em suas economias o que se torna preocupante pela importância que tal setor representa na composição de seus PIBs.

D – Desempenhos dos três setores

Uma análise da participação média dos três setores no período de 2006 a 2013 está presente na tabela 6. Os dados permitem verificar como cada setor se destaca nos países selecionados.

Tabela 6: Média da participação dos três setores no PIB, em %, países selecionados, 2006-2013.

Países	Setor Primário	Setor Secundário	Setor Terciário
Zona do Euro	1,69	19,46	78,86
Alemanha	0,84	25,60	73,59
Bélgica	0,75	17,11	82,15
França	1,81	13,31	84,88
Itália	2,01	19,38	78,60
Luxemburgo	0,34	8,01	91,64
Países Baixos	1,73	19,04	79,21
Espanha	2,56	17,01	80,45
Grécia	3,39	13,23	83,38
Portugal	2,38	17,94	79,73
Irlanda	1,55	24,11	74,33

Fonte: Elaboração própria com dados da base EUROSTAT.

O setor primário, tradicional de países como Portugal, Espanha e Grécia, pré adesão ao bloco europeu, perdeu importância significativa com a entrada na Comunidade Econômica Europeia nas décadas de 1980 e 1990, porém ainda é relativamente forte se comparado à média da região. Já para o grupo dos países fundadores, França e Itália se destacam nesse setor o que se pode justificar pelas medidas protecionistas tomadas através da Política Agrícola Comum, especialmente as cotas de produção para os países-membros determinadas exatamente para tal fim.

A média dos países da Zona do Euro mostra a predominância do setor terciário na composição do PIB, com apenas dois países apresentando essa participação abaixo da média, Alemanha e Irlanda. Ambos se destacam também por serem os únicos com uma participação do setor secundário acima da média dos demais países unificados monetariamente.

Por fim, ao se observar a participação do setor secundário, também se deve salientar que os países estudados apresentam menor participação industrial em seus PIBs que a média da Zona do Euro.

Se o discurso oficial dos anos 1970, 1980 que afirmava que o objetivo do bloco ao expandir seus membros era promover o desenvolvimento dos chamados países do sul, possuidores de estruturas econômicas centradas no setor primário, e que tal desenvolvimento se daria pela industrialização, não é o que se observa quase três décadas após a adesão.

Conclusão

Os dados observados ao longo do recorte temporal priorizado demonstram uma clara tendência dos países integrantes da UE a direcionar suas atividades para o setor de serviços, o que implica um movimento muito diferente do apregoado sobre os objetivos do grupo quanto a desenvolvimento econômico de seus integrantes, entendido esse desenvolvimento como uma priorização das atividades industriais. A exceção é exatamente a economia mais forte do grupo, a alemã, como já citado anteriormente.

É indubitável a posição de economia líder da Alemanha e, em acordo com as diretrizes teóricas que defendem a indústria como setor propulsor de tal desenvolvimento,

Outro fator interessante percebido foi que o setor de construção civil, comumente utilizado para atestar o grau de atividade econômica dos países, registrou um abrandamento nas economias centrais mas que logo se restabeleceu apresentando inclusive crescimento nos anos finais da série, como é o caso de Luxemburgo e Alemanha. No caso do segundo grupo de países analisados, como a Grécia, não houve recuperação desse setor, implicando uma retração da atividade econômica daquele país, havendo uma queda expressiva. Sendo costumeiramente uma atividade que emprega mais mão de obra, pode-se inferir as consequências para os índices de desemprego. Deste modo, no começo de 2006 quando a construção civil integrava o PIB com 8,9% do total, o final da série apresentando apenas 1,8% permitem compreender a magnitude da retração das atividades econômicas do país.

A tendência observada nos países de capitalismo avançado é de uma correlação positiva cada vez mais estreita entre grupos industriais e grupos financeiros. No plano político, essa estreita interconexão tem efeitos relevantes, em termos de concentração de poder nacional e internacional. Já no âmbito econômico, as consequências desse processo de financeirização podem ser percebidas no aumento do poder de monopólio resultante do processo de concentração e centralização industrial anterior. Os países que passaram por um processo histórico de intensa tendência à produção

industrial acumularam uma imensa massa de capital que buscou na esfera especulativa um modo de se valorizar sem reflexo concreto nas esferas produtivas.

Já com relação aos países em via de industrialização, ou de industrialização tardia aqui estudados, a partir dos dados analisados, percebeu-se uma tendência muito modesta de crescimento industrial. Frente aos mercados competitivos, as indústrias de países como Alemanha e França tornam-se muito mais preponderantes que as gregas ou portuguesas, apesar de um leve crescimento. A exceção seria a Espanha que, na verdade, viu seu setor industrial retrair sendo bem menor do que o setor terciário, apesar deste ter sofrido uma retração no período, ainda é grandemente responsável pela composição da riqueza dos países estudados.

Há também que se estudar que tipo de indústrias se retraíram, a produção de bens de consumo finais vem sofrendo grande concorrência com importações originárias da China, por exemplo e os setores de produção de bens de capital estão tradicionalmente concentrados na Alemanha e Bélgica, e não em países como Grécia e Portugal. A grande exceção é a Irlanda que termina a série com uma participação do setor industrial em níveis próximos da Alemanha, campeão na atividade como citado.

Se o setor secundário é o que mais agrega valor e permite o desenvolvimento econômico, a diminuição desse setor em prol do setor de serviços tenderá a aumentar progressivamente a distância entre os países ricos do bloco e os pobres.

Referências

Documentação:

Tratado da União Europeia e Tratado sobre o funcionamento da União Europeia versão consolidada de 2012.

Base de dados estatística oficial da União Europeia, EUROSTAT.

Bibliografia:

BRAUDEL, F.. **Gramática das civilizações**. –São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CARCANHOLO, M. D. **Conteúdo e forma da crise atual do capitalismo: lógica, contradições e possibilidades**. Crítica e sociedade: revista de cultura política, v.1, n.3, edição especial, p. 73-84, dez. 2011.

COSTA, C.G.. **A moeda única europeia: Entre a construção monetária e a desconstrução europeia**. Boletim regional, urbano e ambiental- IPEA, p. 19-38, 14 jun, 2016.

COSTA, M.J.P.. **Desenvolvimento econômico: controvérsias em torno de um conceito** --.Maceió; EDUFAL, 2009, 95 p.

- CHESNAIS, F.. **A mundialização do capital**; tradução Silvana Finzi Foá.—São Paulo: Xamã, 1996.
- PREBISCH, R.. **O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais** *In*: Cinquenta anos de pensamento na Cepal/Organização, Ricardo Bielschowsky; tradução de Vera Ribeiro.—Rio de Janeiro: Record, 2000, p.69-135.
- PREVIDELLI, M.F.S.C. **Expansão e crise na União Europeia. Um olhar para a economia da zona do euro: 2000-2010**. Saarbrücken, Deutchland: NEA, 2015.
- SILVA, A.M.. **História da Unificação Europeia: Integração comunitária (1945-2010)**. Coimbra: Impresa da Universidade de Coimbra, 2010.
- SOARES, A.G.. **Euro: e se a Alemanha sair primeiro?** Temas e Debates, Lisboa, 2016.
- THIRLWALL, A.P. **A natureza do crescimento econômico: Um referencial alternativo para compreender o desempenho das nações**; tradução: Vera Ribeiro; ver. técnica: Marcelo Piancastelli de Siqueira.- Brasília: Ipea, 2005. 112 p.